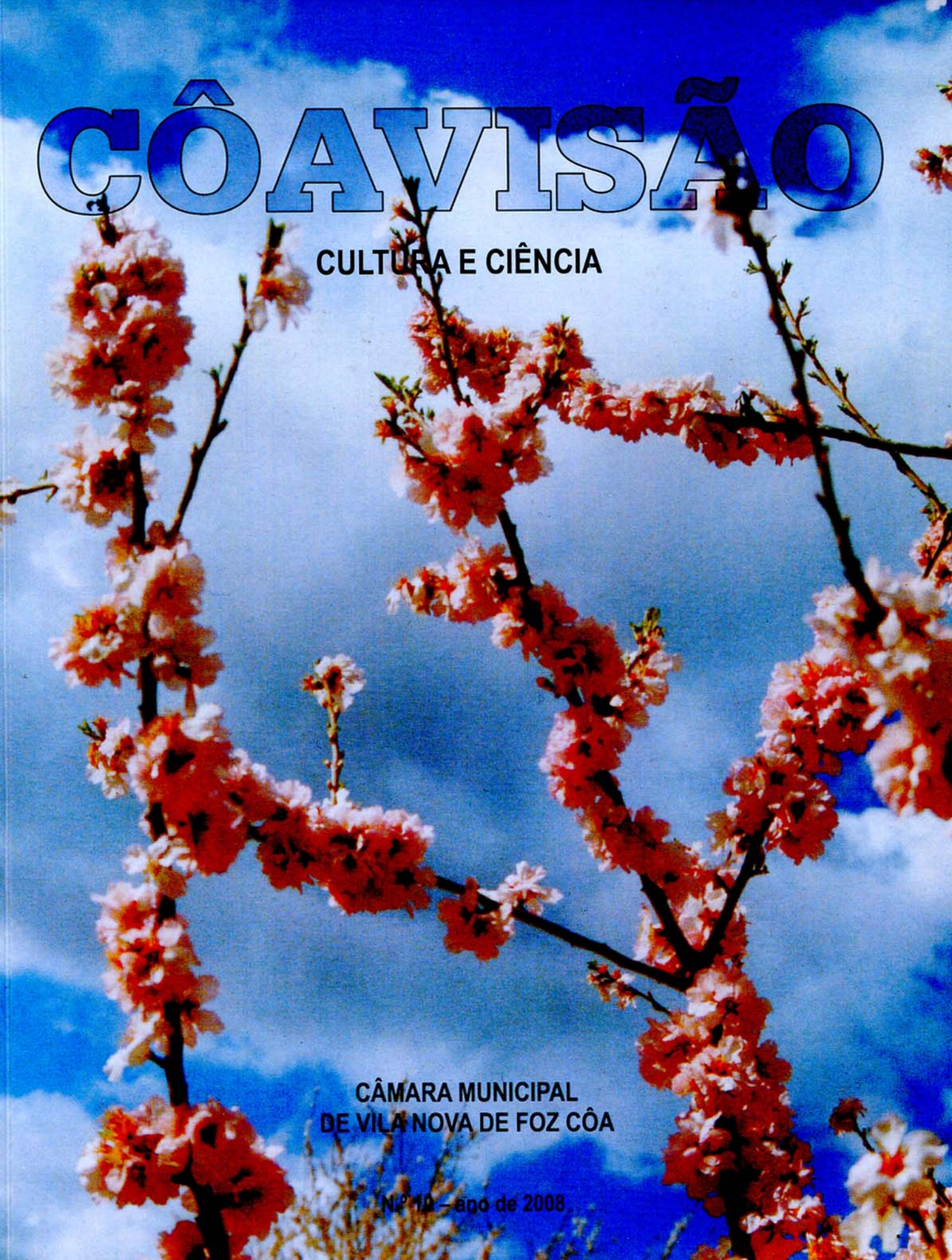


CÔ AVISÃO

The background of the entire page is a photograph of cherry blossom branches. The branches are dark and thin, with clusters of small, five-petaled flowers in shades of pink and white. The flowers are in various stages of bloom. The background is a bright blue sky with scattered white clouds. The title 'CÔ AVISÃO' is superimposed on the top half of the image, with the letters having a blue gradient and a white outline. Below the title, the text 'CULTURA E CIÊNCIA' is written in a smaller, black, sans-serif font. At the bottom right, the text 'CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA' is written in a black, sans-serif font. At the very bottom, the text 'Nº 10 - ago de 2008' is written in a small, black, sans-serif font.

CULTURA E CIÊNCIA

CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

Nº 10 - ago de 2008

Caracterização preliminar da cerâmica do III Milénio a. C. de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)

Ângela Carneiro

bolseira doutorada da FCT

Introdução

Neste artigo apresentam-se os resultados preliminares de uma análise mais vasta da cerâmica do III milénio a. C. de Castanheiro do Vento iniciada no começo de 2007 no âmbito de uma bolsa de pós-doutoramento concedida pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. As informações aqui mencionadas reflectem as primeiras impressões do estudo em curso, e por isso não serão acompanhadas de dados quantitativos exactos e percentuais e poderão eventualmente modificar-se ligeiramente no final da investigação.

A responsabilidade científica dos trabalhos que realizo com esta bolsa é de Vítor Oliveira Jorge, Professor da FLUP, o que não significa naturalmente que aquele investigador subscreva as minhas conclusões, dado o acordo inicial existente entre nós de uma total liberdade de actuação da minha parte, embora dentro dos parâmetros que levaram a FCT a atribuir-me a bolsa.¹

Face à grande fragmentação e provavelmente à grande dispersão cerâmica de Castanheiro do Vento optei pela análise dos fragmentos cerâmicos como unidade básica, uma vez que a tentativa de restituir o número mínimo de vasos poderia ser substancialmente acrescida artificialmente tanto pela elevada fragmentação como pela pequena variabilidade dos itens formais, decorativos e tecnológicos que caracterizam a cerâmica de Castanheiro do Vento.

Classificação e descrição formal da cerâmica

No sistema de organização das formas (e também das decorações) cerâmicas utilizei a nomenclatura e tanto quanto possível também o esquema classificatório usados por Susana Oliveira Jorge no primeiro estudo de fundo das sociedades humanas do III milénio no Nordeste de Portugal¹. No entanto dado às especificidades do material cerâmico de Castanheiro do Vento – elevado grau de fragmentação e maior homogeneidade morfológica e sobretudo decorativa – desenvolvi um sistema classificativo e descritivo relativo ao material em estudo.

¹ S. O. Jorge, 1986, *Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*, 3 volumes, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Assim elaborou-se a par de um sistema de classes, onde se tenta apreender e ordenar hierarquicamente os fragmentos cerâmicos em classes, tipos e variantes, a descrição morfológica das diferentes partes dos objectos, que não puderam ser considerados no sistema classificativo.

As classes comportam vasos fechados ou abertos, que por sua vez se distinguem relativamente à primeira categoria em tipos de vasos sem colo (vasos esféricos, vasos bicónicos, etc.), e à segunda categoria em tipos de vasos com e sem colo. O último tipo de vasos inclui taças em calote, taças hemisféricas, etc. As variantes destes tipos diferenciam por exemplo se os vasos esféricos são mais ou menos fechados, se as paredes da parte superior do corpo dos vasos esféricos são arqueadas ou planas, se o colo dos vasos com colo são arqueados e revirados para fora, cónicos invertidos ou cilíndricos e ainda se as taças hemisféricas têm paredes curvas ou planas.

Todos os outros fragmentos cerâmicos que não podem ser incluídos no sistema de classes são pelo menos descritos relativamente aos detalhes formais do bordo, do colo, das partes superior e inferior do corpo e do fundo, assim como do perfil suave ou angular, consoante a parte do vaso. Por exemplo os bordos apresentam por vezes lábios arredondados, planos, perfilados, os colos podem diferenciar-se em arqueados e revirados para fora, cónicos invertidos ou cilíndricos, a parte superior dos vasos pode ser arqueada, cilíndrica ou cónica (invertida ou não, consoante as formas), e os fundos distinguem-se pelo menos em planos e arredondados.

A maioria das formas apreendidas poderiam integrar-se na classe dos vasos fechados e deverão ter pertencido a vasos esféricos, que não podem ser registados na sua totalidade como tal, porque na maioria das vezes só é conhecida a sua parte superior arqueada, sem uma possível determinação do ângulo de inclinação. Nestes casos têm de ser classificados de uma forma mais lacta, podendo ter pertencido tanto a vasos fechados (esféricos e afins), como a abertos (vasos com colo, taças em calote de esfera, etc.). Outras formas presentes são vasos bicónicos, vasos com colo (na sua maioria com o colo arqueado e revirado para fora e com a parte superior do corpo virada para o interior, arqueada ou plana), e ainda taças em calote e taças hemisféricas.

Sistema decorativo da cerâmica

O sistema decorativo desenvolvido comporta a descrição das técnicas e dos motivos decorativos tendo em atenção a apreensão da zona decorada do vaso e o momento da sua aplicação. A técnica mais utilizada na cerâmica de Castanheiro do Vento é a impressa a pente. Enquanto outras técnicas (impressas com outro tipo de matriz, puncionadas com estilete simples, caneladas, incisas e plásticas) estão menos ou apenas representadas vestigialmente.

Os motivos por excelência formam uma a três bandas penteadas na maioria das vezes formando linhas contínuas horizontais ou onduladas, de 10 a 25 mm de largura média e com 6 a 12 sulcos, colocadas sobretudo na parte superior dos vasos (abaixo do bordo, abaixo do arranque do colo e/ou na parte superior do bojo). A parte central e inferior do corpo dos vasos parece ter sido menos frequentemente decorada. Até ao momento não registei qualquer tipo de decoração tanto no fundo, como no interior dos vasos, mesmo no de formas abertas.

Outros motivos de realce dentro das cerâmicas penteadas ou decoradas com outras técnicas são os motivos penteados com linhas horizontais ou onduladas descontínuas, os penteados arrastados, os espatulados verticais ou em zigue-zague e as impressas com punção simples dando o efeito decorativo de terem sido executadas com um caule herbáceo seco. Nalguns casos é possível observar a combinação de motivos e técnicas diferentes no mesmo fragmento. Mas no geral as cerâmicas de Castanheiro do Vento apresentam uma decoração simples e equilibrada.

A decoração foi invariavelmente aplicada antes do cozimento dos vasos, mas em diferentes momentos da secagem. Assim há vasos com os sulcos penteados mais profundos de que outros e com uma distância diferente dos dentes dos pentes (até 2 mm), confinando-lhe uma maior ou menor qualidade na execução. A execução fina está muitas vezes associada a formas de pequenas dimensões e de pastas depuradas. Mas não constitui uma regra. Pelo que também se registam fragmentos, que a avaliar pela espessura das suas paredes (10 a 15 mm) e pastas grosseiras terão pertencido a vasos de grandes dimensões, apresentam igualmente uma decoração penteada finamente executada. Por outro lado é também entre estes vasos de maiores dimensões que se registou um penteado vertical-diagonal de execução pouco cuidada e até grosseira, que dá a ideia de terem sido “vassourados”, ao serem executados com o pente para baixo e para cima e por vezes no sentido diagonal.

Entre a cerâmica de Castanheiro do Vento é quase impossível diferenciar entre formas decoradas e lisas, uma vez que os fragmentos analisados mostram uma alternância frequente de zonas decoradas e não decoradas e os vasos melhor preservados são raros. Entre esses encontra-se até ao momento um vaso com o perfil totalmente reconstituído, que parece não ter tido qualquer decoração.

Elementos tecnológicos da cerâmica

As pastas da cerâmica de Castanheiro do Vento são, como qualquer outra olaria pré-histórica grosseiras, embora algumas sejam mais depuradas e outras apresentem mais e maiores elementos não plásticos.

As cerâmicas foram modeladas à mão. A única técnica de manufatura reconhecida até ao momento é a dos rolos espiralados ou concêntricos, e os vasos terão sido formados da base para o topo. As paredes onduladas de alguns fragmentos cerâmicos, sobretudo no lado interno, deixam transparecer os rolos mal regularizados por debaixo das superfícies. Da mesma forma que outros fragmentos mostram na fractura superior ou inferior o negativo ou o positivo desses rolos.

As superfícies foram, depois de regularizadas e alisadas, polidas, já num momento avançado da secagem, antes da cozedura, até atingirem um brilho, por vezes muito intenso. É ainda desconhecido se terão sido utilizados outros meios/instrumentos de regularização e alisamento das superfícies. Pelo menos as marcas de pequenas espátulas e as impressões digitais identificadas sobretudo no interior das superfícies dos vasos apontam para o seu tratamento com o auxílio de pequenos objectos espatulados, possivelmente de osso ou madeira, após terem sido regularizadas à mão.

Nem todos os objectos cerâmicos foram polidos após o alisamento. Mas o polimento, ainda que muitas vezes apenas parcialmente preservado, foi registado num número considerável de fragmentos. Apresentam-se como possíveis instrumentos de

polimento pequenos seixos de rio ou outras pedras polidas, também instrumentos de madeira ou osso polidos, conchas ou ainda pele de animais.

A decoração foi aplicada após o alisamento e o polimento. Embora nem todas as cerâmicas decoradas tenham sido polidas. Nem no caso das cerâmicas apresentarem um aspecto mais fino relativamente às pastas e à qualidade da execução decorativa.

Embora na maioria dos casos não seja possível determinar as dimensões e proporções da cerâmica de Castanheiro do Vento, tendo em conta os diâmetros médios do bordo e da pança de muitos vasos (vasos sem colo com parte superior do bojo arqueada: 10-24 e 12-26 cm; vasos esféricos: 16-20 e 18-22 cm; vasos com colo: 16-20 cm; taças em calote de esfera e taças hemisféricas: 16-17 cm), a espessura média da maioria dos vasos (7-9 mm) e a altura total de muito poucos vasos (vasos esféricos: 7,8 e 8,8 cm; taças em calote de esfera: 8 cm) parece estarmos na presença de vasos de dimensões pequenas a médias. Muito menos representados são fragmentos com espessuras compreendidas entre 12 a 15 mm, que eventualmente poderiam ter pertencido a vasos de maiores dimensões, talvez de vasos de contenção. Mais frequentemente que estes, embora o seu número não seja muito avultado, registam-se vasos de paredes com espessuras entre 4 a 6 mm de espessura, mas com os mesmos valores de diâmetros médios que os vasos de tamanho pequeno a médio referidos acima.

A cor avermelhada ou acastanhada das superfícies, com núcleo predominantemente cinzento e a consistência dura de grande parte das cerâmicas apontam para ambientes de cozedura primária oxidante. Embora as superfícies matizadas a vermelho, castanho e cinzento dos fragmentos melhor preservados indiquem a utilização de fogueiras abertas ou outros tipos de estruturas simples similares no processo de cozedura cerâmica, em que os vasos estariam mais expostos a mudanças de temperatura e essas actuassem de uma forma irregular nas diferentes partes dos vasos.

Alguns fragmentos apresentam um orifício de perfuração cónica, executado de fora para dentro após a cozedura, na parte do bordo ou na passagem do colo para a parte superior do corpo dos vasos. A sua forma regular e cónica indica terem sido executados com uma espécie de broca mecânica, comparável às perfurações de objectos pétreos encontrados nesta e em outras estações coevas. Dada a singularidade e a posição do orifício na parte superior dos vasos, junto ao bordo, é mais provável ter sido feito para permitir a suspensão do que ser o resultado de reparações e continuação de utilização de vasos entretanto quebrados. Assim supõem-se a existência de pelo menos um outro orifício no lado oposto.

Estado de preservação da cerâmica

A fragmentação da cerâmica de Castanheiro do Vento é elevada. Por vezes encontram-se 2-3 fragmentos do mesmo vaso que colam entre si. Embora mesmo nesses casos a reconstituição de formas e de composições seja limitada. No entanto há objectos recolhidos em contextos melhor preservados, que revelam ainda grande parte (ca. 1/3 a 2/3) da totalidade das peças.

A análise comparativa da fragmentação cerâmica no interior e exterior de estruturas, melhor dizendo no interior das estruturas semi-circulares e nas áreas envolventes mais expostas entre as linhas de muros do recinto principal e do recinto secundário, revelou até ao momento não haver uma diferença significativa. Em ambas as situações é difícil encontrar mais do que 2 a 3 fragmentos cerâmicos do mesmo vaso. Uma excepção parece constituir o material proveniente do interior de estruturas semi-

circulares de níveis mais profundos, nomeadamente de níveis basais. Este é, no estado actual da escavação, em parte constituído pelo material proveniente de nichos ou de outras estruturas pequenas encontradas mais ou menos *in situ*, que compreende tanto cerâmicas, como objectos de outras matérias-primas. Parece que o grau de destruição do sítio de Castanheiro do Vento, como se conhece até agora, é generalizado até aos níveis mais basais e aí de quando em quando encontram-se contextos melhor preservados.

A maioria dos fragmentos têm contornos arredondados ou muito arredondados. Alguns deles apresentam por vezes um a três dos lados menos erodidos que os restantes. Isto parece indicar fragmentações posteriores à sua deposição. Em alguns, raros casos foi possível pelo menos encontrar um fragmento que colasse com outro, o que indica uma dispersão relativamente pequena. Contudo a dispersão geral dos fragmentos pela área do sítio não pode ser avaliada por estes resultados isolados.

Apesar do grau avançado de arredondamento dos contornos dos fragmentos e da grande fragmentação dos vasos as superfícies da cerâmica de Castanheiro do Vento apresentam um estado de preservação razoável, uma vez que em grande parte é possível determinar o tratamento a que foram sujeitas. Isto poderá indicar um domínio considerável das tecnologias de manufactura e de cozedura cerâmica por parte dos oleiros pré-históricos.

Cronologia e enquadramento da cerâmica na região nordeste portuguesa

As datas de radiocarbono de Castanheiro do Vento apontam para a utilização do sítio no III milénio a. C., sobretudo na sua segunda metade².

O sítio mais próximo em termos das características cerâmicas (e também da planta do sítio, entre muitos outros elementos) é sem dúvida o sítio de Castelo Velho, situado nas proximidades de Castanheiro do Vento³. Mas também outras estações situadas no nordeste português revelam um espólio cerâmico semelhante, embora o carácter da estação seja diferente. Refiro-me ao Castelo de Algodres na região do Baixo Côa⁴, ao nível I do Abrigo do Buraco da Pala no planalto mirandês⁵, à segunda ocupação de Castelo de Vila Pouca de Aguiar e ao segundo nível de ocupação do sector III da Pastoria em Trás-os-Montes ocidental⁶ e a Fornos de Algodres e a Malhadas no Alto Mondego na Beira Alta⁷.

² V. O. Jorge et. al., 2003, A propósito do recinto monumental de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa), in *Recintos Murados da Pré-História Recente*, Porto/Coimbra, FLUP-DCTP e CEAUCP-FCT, 79-113.

³ S. O. Jorge, 2005, O passado é redondo – dialogando com os sentidos dos primeiros recintos monumentais, 248, Edições Afrontamento, Porto.

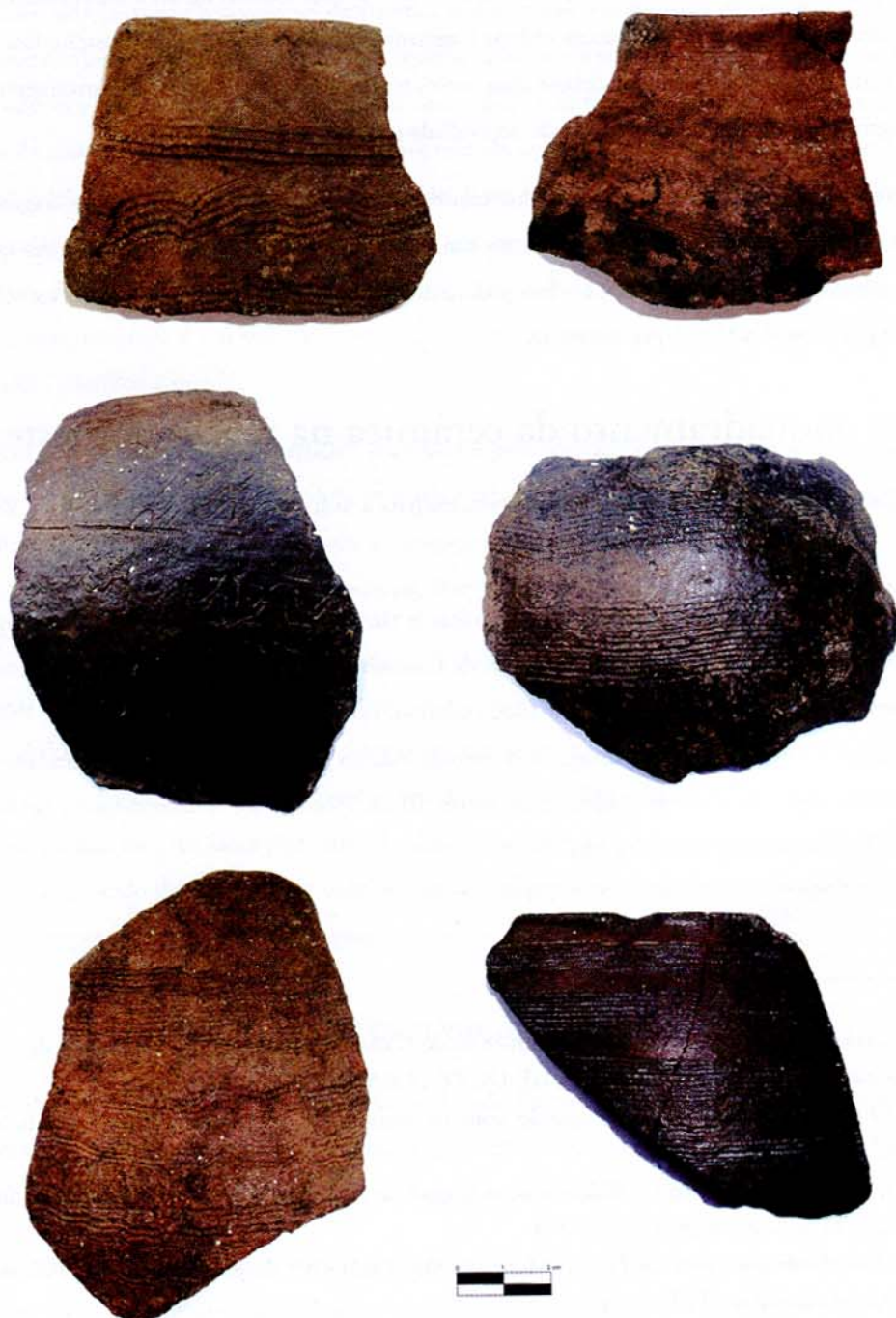
⁴ A. F. Carvalho, 2003, O final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 1996-2000), in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6/2, 229-273.

⁵ M. J. Sanches, 1997, *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro* (O abrigo do Buraco da Pala no contexto regional), vol. I: 289, vol. II: 291, 14 estampas. SPAE, Porto.

⁶ S. O. Jorge, 1986, ver nota 1.

⁷ A. C. Valera, 2007, *Calcolítico e transição para a Idade do Bronze na bacia do Mondego: estruturação e dinâmica de uma rede local de povoamento*, tese de doutoramento em Arqueologia, Universidade do Porto.

Os dados das possíveis dimensões da cerâmica de Castanheiro do Vento acima referidos e a enorme quantidade de material cerâmico exumado neste sítio, poderiam apontar para a sua utilização por comunidades com uma maior fixação e/ou durante um período de tempo mais longo, mesmo que isso comportasse a sazonalidade da utilização de Castanheiro do Vento, relativo a períodos do IV e da primeira metade do III milénios a. C. referidos na análise do material de estações situadas no concelho de Vila Nova de Foz Côa, não muito longe de Castanheiro do Vento⁸. Contudo ficam por agora outros significados em aberto.



⁸ A. F. Carvalho, 2003, ver nota 4.